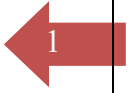


## II - DISCERNINDO A PRESENÇA

### «A Palavra do Senhor»



Enquanto os dois caminhantes regressam a casa chorando a sua perda, Jesus aparece e começa a caminhar a seu lado, mas os olhos de ambos estão impedidos de o reconhecer. De repente, já não são duas, mas três pessoas a caminhar, e tudo se torna diferente. Os dois amigos já não têm os olhos fixos no chão diante deles, agora fixam o olhar daquele estranho que se juntou a eles no caminho, e lhes pergunta: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Nota-se nos amigos um certo espanto, ou até indignação: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a Ignorar o que lá se passou nestes dias!» Segue-se depois um longo relato: o relato da perda, o relato de notícias assombrosas acerca de um túmulo vazio. Apareceu por fim alguém desejoso de escutar, alguém disposto a escutar as palavras de desilusão, tristeza e confusão absoluta dos dois amigos. Nada parece fazer sentido. Mas é preferível falar com um estranho do que repisarem continuamente os factos conhecidos de ambos.

Então, acontece qualquer coisa! Há qualquer coisa que muda. O estranho começa a falar, e as suas palavras suscitam neles um sério Interesse. Primeiro, fora Ele que os escutara; agora tinham-se invertido as posições. As suas palavras eram muito claras e diretas. Falava de coisas que eles já sabiam: o seu longo passado, referindo o que sucedera durante os séculos anteriores ao seu próprio nascimento, a história de Moisés, que conduziu o seu povo para a liberdade, e a história dos profetas, que desafiavam o povo a nunca deixar perder a liberdade gozosamente adquirida. Era uma história que eles bem conheciam. Contudo, parece que estavam a ouvi-la pela primeira vez.

A diferença residia no narrador! Um estranho, surgido do nada, mas que, no entanto, sem eles perceberem como, parecia mais próximo do que qualquer pessoa que com eles tivesse comentado os factos ocorridos. A perda, o desgosto, os sentimentos de culpa, o medo, os breves clarões de esperança, e as muitas perguntas por responder que disputavam a atenção das suas mentes inquietas, tudo isso foi atado por aquele estranho, e inserido no contexto de uma história muito mais extensa do que a deles.

*- O que parecia fonte de tão imensa tristeza começa a assumir a qualidade de alegria.*

O que parecera tão confuso começava a apresentar-lhes novos horizontes; o que parecera tão opressivo começava a revelar-se libertador; o que parecera

fonte de tristeza tão imensa começava a assumir a qualidade de alegria! Enquanto aquele homem conversava com eles, os dois discípulos começaram gradualmente a aperceber-se que as suas pequenas vidas não eram tão pequenas como eles pensavam, mas faziam parte de um grande mistério que não só abarcava muitas gerações, mas que se estendia de um lado ao outro da eternidade.

O estranho não dissera que não havia razões para estarem tristes, mas que a sua tristeza fazia parte de uma tristeza mais vasta que encerrava em SI a alegria. Aquele estranho não dissera que a morte que eles choravam não era real, mas que era uma morte que dava Início a uma vida ainda maior — à verdadeira vida. O estranho não dissera que eles não tinham perdido um amigo que lhes transmitira uma nova coragem e uma nova esperança, mas que aquela perda abriria caminho para uma relação muito superior a qualquer tipo de amizade que eles jamais tivessem experimentado. O estranho nunca negara o que eles lhe contaram. Pelo contrário, afirmara que isso fazia parte de um acontecimento muito mais vasto, em que lhes seria dado desempenhar um papel verdadeiramente único.

No entanto, aquela conversa não puxara ao sentimento. Aquele estranho era um homem forte, direto, nada sentimentalista. Não lhes trouxera consolações fáceis. Até lhes parecia que Ele trespassava as suas lamentações com uma verdade que eles próprios teriam preferido desconhecer. Com efeito, as queixas contínuas são mais atraentes do que o confronto com a realidade. O estranho, porém, não tivera medo nenhum de penetrar as defesas de ambos e de os chamar a ultrapassar a sua estreiteza de mente e coração.

«Oh homens sem inteligência e lentos de espírito para crer», dissera Ele. Estas palavras atingem diretamente o coração dos dois caminhantes. «Homens sem inteligência» são palavras duras, palavras que nos ofendem e põem na defensiva. Mas que também podem abrir uma brecha no medo e no amor-próprio e conduzir-nos a um conhecimento completamente novo do ser humano. É uma chamada a despertar, um rasgar de persianas, um derrubar de defesas completamente inúteis. Homens sem inteligência, vocês não veem — não ouvem — não sabem? Têm estado de olhos fixos num pequeno arbusto, sem se aperceberem que estão no cimo de uma montanha que vos oferece uma vista panorâmica que abarca o mundo inteiro. Fixando o olhar num obstáculo do caminho, nem sequer se apercebem que esse obstáculo foi aí colocado para vos mostrar o caminho certo. Enquanto se lamentam das vossas perdas, não se apercebem que essas perdas se deram para vos tornar capazes de receber o dom da vida.

O estranho tivera de lhes chamar «homens sem inteligência» para os fazer ver. E qual é o desafio que lhes lança? Confiar. Eles não confiavam que a sua experiência fosse mais do que a experiência de uma perda irremediável. Não confiavam que houvesse mais qualquer coisa a fazer do que regressar a

casa e retomar a sua forma antiga de viver. «Homens sem inteligência... lentos de espírito para crer». O Lentos para crer; lentos para confiar no esquema mais vasto das coisas; lentos para saltar por cima das suas inúmeras queixas e descobrir o vasto espectro de novas oportunidades; lentos para ultrapassar as dores do momento e para as ver como parte de um processo de cura muito mais amplo.

*- É muito possível que cheguemos ao fim da nossa vida sem termos sabido quem somos.*

Esta lentidão não é uma lentidão inocente, pois pode fazer-nos cair na armadilha das nossas queixas e da nossa estreiteza de pensamento. É a lentidão que pode impedir-nos de descobrir a paisagem em que vivemos. É muito possível que cheguemos ao fim da nossa vida sem nunca termos sabido quem somos e nem para que fomos criados. A vida é curta. Não podemos limitar-nos a esperar que o pouco que vemos, ouvimos e experimentamos nos revele a totalidade da nossa existência. Temos a vista demasiado curta e somos demasiado duros de ouvido para que isso seja possível. Alguém tem de abrir os nossos olhos e os nossos ouvidos, ajudando-nos a descobrir o que se encontra para lá da nossa própria percepção. Alguém tem de incendiar o nosso coração!

Jesus junta-se a nós enquanto caminhamos, cheios de tristeza, e explica-nos as escrituras. Contudo, nós não sabemos que se trata de Jesus. Pensamos que Ele é um estranho menos informado do que nós acerca daquilo que se está a passar nas nossas vidas. E, contudo — nós sabemos qualquer coisa, pressentimos qualquer coisa, intuímos qualquer coisa: o nosso coração começa a arder. No preciso momento em que Ele está connosco, não conseguimos entender plenamente o que está a acontecer. Não podemos comentá-lo uns com os outros. Mais tarde, sim, mais tarde, quando tudo tiver acabado, pode ser que possamos dizer: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» Contudo, enquanto Ele caminha ao nosso lado, a proximidade é demasiado grande para que possamos refletir.

*- Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?*

É com essa misteriosa presença que o «serviço da Palavra», durante cada Eucaristia, pretende fazer-nos entrar em contacto, e é essa mesma presença misteriosa que nos é constantemente revelada, enquanto vivemos a nossa vida de forma eucarística. As leituras do Antigo e do Novo Testamento e a homilia que se segue às mesmas são-nos dadas para discernirmos a presença

de Jesus enquanto Ele caminha ao nosso lado, na nossa tristeza. Cada dia tem leituras diferentes; cada dia ouvimos uma palavra distinta de explicação ou exortação. Cada dia há certas palavras que nos acompanham. Nós não podemos viver sem palavras provenientes de Deus, palavras capazes de nos arrancar da nossa tristeza e de nos elevar até um lugar a partir do qual possamos descobrir aquilo que estamos verdadeiramente a viver.

É importante saber que, embora essas palavras, proclamadas ou faladas, sirvam para nos informar, instruir ou inspirar, o seu primeiro significado é que elas tornam o próprio Jesus presente para nós. Durante a nossa caminhada, Jesus explica-nos as passagens que se referem à sua Pessoa. Quer leiamos o livro do Êxodo, dos Salmos, dos Profetas ou dos Evangelhos, a sua única razão de ser é fazer arder o nosso coração. A presença eucarística é, primeiro que tudo, uma presença através da palavra. Sem essa presença através da palavra, nunca seríamos capazes de reconhecer a sua presença ao partir do pão.

Nós vivemos num mundo em que as palavras pouco valem. As palavras parecem afogar-nos: em anúncios, cartazes e sinais de trânsito, em panfletos, opúsculos e livros, quadros utilizados por professores e conferencistas, projetores de imagens, ecrãs e painéis de notícias. As palavras movem-se, piscam, giram e aumentam de tamanho, tornam-se mais gordas e brilhantes. São-nos apresentadas em todas as dimensões e cores — mas, por fim, nós concluímos: «Bem, não passam de palavras.» À medida que foram aumentando em número, as palavras foram perdendo o seu valor. O seu valor principal parece ser informativo. As palavras informam-nos. Nós precisamos de palavras para sabermos o que devemos fazer e como devemos fazê-lo, aonde ir e como chegar lá.

Não é de admirar, portanto, que as palavras da Eucaristia sejam escutadas sobretudo como palavras que nos informam. Contam-nos uma história, instruem-nos, admoestam-nos. Como a maior parte de nós já ouviu essas palavras, elas poucas vezes nos tocam profundamente. Muitas vezes, mal lhes prestamos atenção; tornaram-se demasiado familiares. Já não esperamos que nos surpreendam ou comovam. Escutamolas como se fossem a «mesma história de sempre» — quer selam lidas de um livro, quer proclamadas do púlpito.

A tragédia é que, assim, a palavra perde a sua qualidade sacramental. A Palavra de Deus é sacramental. Isto significa que é sagrada e que, como palavra sagrada, torna presente aquilo que proclama. Quando Jesus falou aos dois infelizes caminhantes e lhes explicou as palavras das escrituras que a Ele se referiam, os seus corações começaram a arder, ou seja, eles experimentaram a presença do Senhor. Ao falar da sua Pessoa, Jesus tornou-se presente para eles. Com as suas palavras, Jesus fez muito mais do que fazê-los simplesmente pensar nele, ou instruí-los acerca de si próprio, ou

Inspirá-los com a sua recordação. Através das suas palavras, Jesus tornou-se realmente presente para eles. É isso que queremos dizer ao referirmo-nos à qualidade sacramental da palavra. A palavra cria aquilo que exprime. A Palavra de Deus é sempre sacramental. No livro do Génesis, lemos que Deus criou o mundo, mas, em hebraico, «falar» e «criar» é precisamente a mesma palavra. Se fizéssemos uma tradução à letra, seria «Deus falou a luz e a luz foi». Para Deus, falar é criar. Quando dizemos que a Palavra de Deus é sagrada, queremos dizer que a Palavra de Deus está cheia da presença de Deus. No ou Ó caminho de Emaús, Jesus tornou-se presente através da sua palavra, e foi essa presença que transformou a tristeza em alegria e o luto em dança. É isso que acontece em cada Eucaristia. A palavra proclamada e falada pretende conduzir-nos à presença de Deus e transformar o nosso coração e a nossa mente. Muitas vezes, pensamos na palavra como uma exortação que nos convida a sair e a mudar a nossa vida. Contudo, o poder total da palavra reside, não na forma como a aplicamos à nossa vida depois de a termos ouvido, mas no seu poder transformador que faz o seu trabalho divino enquanto a escutamos.

*- A Palavra de Deus está cheia da presença de Deus.*

Os Evangelhos estão cheios de exemplos da presença de Deus na Palavra. Pessoalmente, sinto-me Sempre tocado pelo episódio de Jesus na sinagoga de Nazaré, quando ele proclamou uma passagem de Isaías: que está escrito:

*«O Espírito do Senhor está sobre mim,  
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;  
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos  
e, aos cegos, a recuperação da vista;  
a mandar em liberdade os oprimidos,  
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»* (Lucas 4, 18-19)

Depois de ter lido estas palavras, Jesus exclamou: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.» De repente, torna-se claro que os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos não são pessoas de fora da sinagoga que, um dia, serão libertados; são as pessoas que estão a escutar Jesus. E é pela escuta que Deus se torna presente e cura.

A Palavra de Deus não é uma palavra a aplicar à nossa vida quotidiana um dia mais tarde; é uma palavra que nos cura através da escuta e enquanto a escutamos, aqui e agora.

Levantam-se, portanto, as seguintes interrogações: Como é que Deus vem a mim quando eu escuto a palavra? Onde posso discernir a mão curativa de Deus a tocar-me através da palavra? Como é que a minha tristeza o meu

sofrimento e o meu luto estão a ser transformados neste preciso momento? Porventura sinto o fogo do amor de Deus a purificar o meu coração e a dar-me uma nova vida? Estas interrogações conduzem-me ao sacramento da palavra, ao lugar sagrado da presença real de Deus.

Ao princípio isto pode parecer uma verdadeira novidade para uma pessoa que viva numa sociedade em que o valor principal da palavra é a sua aplicabilidade. No entanto, a maior parte de nós já conhece, de um modo geral, de forma inconsciente, o poder curativo e destruidor da palavra falada. Quando alguém me diz «Eu amo-te», ou «Eu detesto-te», eu não estou a receber apenas algumas informações úteis. Essas palavras fazem qualquer coisa em mim. Fazem o meu sangue circular, o meu coração bater e a minha respiração acelerar. Fazem-me sentir e pensar de forma diferente. Elevam-me a uma nova forma de ser e dão-me outro conhecimento de mim próprio. Estas palavras têm o poder de me curar ou de me destruir.

*- As nossas pequenas histórias são elevadas e integradas na grande história de Deus.*

Quando Jesus se junta a nós no caminho e nos explica as Escrituras, devemos escutar com todo o nosso ser, confiando que a palavra que nos criou também nos vai curar. Deus quer tornar-se presente para nós e assim transformar os nossos corações temerosos.

A qualidade sacramental da palavra torna Deus presente, não só como uma íntima presença pessoal, mas também como uma presença que nos oferece um lugar na grande história da salvação. O Deus que se torna presente para nós não é apenas o Deus do nosso coração, mas também o Deus de Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacob e Lia, o Deus de Isaías e Jeremias, o Deus de David e Salomão, o Deus de Pedro e Paulo, de S. Francisco e de Dorothy Day — o Deus cujo amor universal nos é revelado por Jesus, nosso companheiro de viagem.

A palavra da Eucaristia torna-nos parte integrante da grande história da nossa salvação. As nossas pequenas histórias são elevadas e integradas na grande história de Deus, onde lhes é oferecido o lugar único que lhes pertence. A palavra eleva-nos e faz-nos ver que a nossa vida diária e corrente é, de facto, uma vida sagrada que desempenha um papel necessário ao cumprimento das promessas de Deus. A palavra escrita e falada da Eucaristia permite-nos dizer, com Maria: «O Senhor pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas... como tinha prometido... a Abraão e à sua descendência para sempre.»

Aqui vemos que a Eucaristia, tal como a celebramos na sagrada liturgia, nos chama a uma vida eucarística, uma vida em que tomamos continuamente consciência do nosso papel na história sagrada da presença redentora de Deus, através de todas as gerações. A grande tentação da nossa vida é negar o nosso papel como pessoas escolhidas, deixando-nos assim enredar nas preocupações do dia-a-dia. Sem a palavra que, continuamente, nos eleva como pessoas eleitas de Deus, permanecemos, ou tornamo-nos, pessoas mesquinhas, enleadas nas lamentações que brotam da nossa luta quotidiana pela sobrevivência. Sem a palavra, que faz arder o nosso coração, pouco mais podemos fazer do que voltar para casa, resignados com o triste facto de que não há nada de novo debaixo do Sol. Sem a palavra, a nossa vida tem pouco sentido, pouca vitalidade e pouca energia. Sem a palavra, continuamos a ser pessoas mesquinhas, com interesses mesquinhos, que levam vidas mesquinhas e morrem de mortes mesquinhas. Sem a palavra, podemos ser tema de notícia nalgum jornal local ou até nacional por um ou dois dias, mas nenhuma geração nos chamarão bem-aventurados. Sem a palavra, as nossas dores e sofrimentos isolados poderão extinguir o Espírito que nos habita e tornar-nos vítimas da amargura e do ressentimento.

*- Sem a Palavra, a nossa vida tem pouco sentido.*

Precisamos da palavra falada e explicada por aquele que se junta a nós no caminho e nos dá a conhecer a sua presença — uma presença que começa por se fazer sentir no nosso coração a arder. É esta presença que nos anima a libertarmo-nos do nosso coração endurecido e a enchermo-nos de gratidão. Como pessoas gratas, podemos convidar para a intimidade da nossa casa aquele que incendiou o nosso coração.

Hennry Nouwen, *Não nos ardia o coração? Uma meditação sobre a vida eucarística*, Paulinas, 2ª 2006. Capítulo II, *Discernindo a Presença*, pp. 38-53. Texto resumido e arranjado por Padre Leone Orlando.